

# MUDANÇAS GRADUAIS E ABRUPTAS: REFLEXÕES SOBRE SINAIS SOLETRADOS E COMPOSTOS DA LIBRAS EM UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL BASEADA NO USO

## GRADUAL AND ABRUPT CHANGES: REFLECTIONS ON BRAZILIAN SIGN LANGUAGE FINGERSPELLED AND COMPOUND SIGNS IN A CONSTRUCTIONAL USAGE-BASED APPROACH

Roberto de Freitas Junior<sup>1</sup>, Lia Abrantes Antunes Soares<sup>2</sup>

João Paulo da Silva Nascimento<sup>3</sup> e Ruan Sousa Diniz<sup>4</sup>

### RESUMO

A construcionalização de sinais soletrados e compostos da Língua Brasileira de Sinais (Libras) é discutida no presente artigo. Para tanto, sob a ótica da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), adotamos o arcabouço da Gramática de Construções Baseada no Uso (GOLDBERG, 2006; HILPERT, 2014; PEREK, 2015; BYBEE, 2008, 2010), vertente que considera a construção a menor unidade do conhecimento linguístico, a fim de contemplarmos o modo como novos signos são formados nessa língua, via construcionalização (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Discutimos, então, a formação, a fixação e a mudança, ou seja, o modo de incorporação ao sistema, de sinais soletrados e compostos, via construcionalização produto e construcionalização processo, tal como proposto em Cezario e Alonso (2019). Assim, abordamos casos de construcionalização lexical na Libras, por formação abrupta ou gradual, além de aspectos relacionados ao fenômeno, como o papel do empréstimo, das mudanças construcionais, da frequência e dos papéis dimensionais da produtividade, esquematicidade e composicionalidade desses itens. Defendemos, assim, a construcionalização como processo de mudança e de formação de itens e mostramos que ela explica a emergência de novas construções lexicais, advindas da datilologia e do processo morfológico da composição, ao se tornarem novas representações armazenadas no *constructicon*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sinais soletrados; Sinais compostos; Construcionalização; Libras.

### ABSTRACT

The constructionalization of fingerspelled and compound signs of Brazilian Sign Language (Libras) is discussed in this article. Therefore, under the perspective of Usage-based Linguistics (UBL), we adopted the Usage-based Construction Grammar framework (GOLDBERG, 2006; HILPERT, 2014; PEREK, 2015; BYBEE, 2008, 2010), which considers the construction to be the smallest unit of linguistic knowledge, in order to contemplate the way in which new signs are formed in this language, via constructionalization (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). We then discuss the formation, fixation and change, that is, the way spelled and compound signs are incorporated into the system, via product constructionalization and process constructionalization, as proposed in Cezário & Alonso (2019). Thus, we approach cases of lexical constructionalization in Libras, by abrupt or gradual formation, in addition to aspects related to the phenomenon, such as the role of language borrowing, constructional changes, frequency and the dimensional roles of productivity, schematicity and compositionality of such items. We therefore defend constructionalization as an item-change and formation process and illustrate that it explains the emergence of new lexical constructions, arising from the processes of typing and morphological composition, as they become new representations stored in the *constructicon*.

**KEYWORDS:** Fingerspelled signs; Compound signs; Constructionalization; Libras

1 Professor Adjunto de Estudos Linguísticos do Departamento de Letras-Libras da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor do PPLIN-UERJ e do PPG em Linguística (UFRJ). Contato: [robertofrei@letras.ufrj.br](mailto:robertofrei@letras.ufrj.br).

2 Professora Adjunta de Estudos Linguísticos do Departamento de Letras-Libras da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Contato: [lia.abrantes@letras.ufrj.br](mailto:lia.abrantes@letras.ufrj.br).

3 Mestrando do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da UERJ-FFP. Integrante do Núcleo de Estudos sobre Interlínguas. Contato: [jpnascimento@letras.ufrj.br](mailto:jpnascimento@letras.ufrj.br).

4 Mestrando do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da UERJ-FFP. Contato: [ruan.diniz@letras.ufrj.br](mailto:ruan.diniz@letras.ufrj.br).

## 1 Introdução

O trabalho seminal da linguista Lucinda Ferreira representa um marco na evolução dos estudos linguísticos sobre a Libras, não apenas na UFRJ, como no Brasil e no mundo. Em seus trabalhos, mais especificamente em *Por uma Gramática da Língua Brasileira de Sinais* (1995), a autora apresenta um quadro descritivo dessa língua, do qual decorrem inúmeros outros estudos, em diferentes áreas da linguística teórica e aplicada, com vistas à compreensão da estrutura e do funcionamento da Libras.

Um desses estudos é o presente artigo, que visa à reflexão sobre um aspecto fundamental para a linguística: a mudança. Nesse sentido, discutimos aqui como a abordagem construcional da gramática baseada no uso (GOLDBERG, 2006; HILPERT, 2014; PEREK, 2015; BYBEE, 2008, 2010) pode contribuir para a continuidade e aprofundamento dos estudos linguísticos sobre a Libras. Este artigo colabora, assim como bem fez Ferreira (1995), para abordagens científicas futuras sobre essa língua e para a ratificação de seu *status* de língua da comunidade surda brasileira.

Assim, se por um lado, reconhecemos o papel do trabalho de Lucinda Ferreira para o aprofundamento dos estudos sobre a Libras, por outro, há de se reconhecer a necessidade de estudos sobre esta língua, em diferentes abordagens e de diferentes pontos de vista, que perpetuem a caminhada iniciada pela prestigiada linguista. A discussão que aqui propomos, portanto, consiste em um olhar sobre a forma como a teoria da construcionalização e mudanças construcionais (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) pode contribuir para o entendimento de aspectos concernentes a mudanças linguísticas da Libras, por meio da visão de gramática como rede conceptual de construções, o *constructicon*, e tendo por base a Gramática das Construções Baseada no Uso (GCBU).

Pretendemos desenvolver um debate que espelhe aspectos acerca do papel da construcionalização sob duas perspectivas exploradas em estudo de Cezario e Alonso (2019): (i) a de produto, quando tratamos da representação construcional que é armazenada de forma mais abrupta, e (ii) a de processo, quando observamos o percurso diacrônico responsável pela mudança e pelo surgimento de uma nova construção na gramática internalizada. Seja por um ou por outro ponto de vista, a gramática é entendida como uma cognição emergente, em constante mudança, por estar sempre sujeita às pressões do uso, isto é, da experiência com a língua.

Após revisitarmos os princípios básicos do modelo teórico adotado, apresentamos os conceitos de ‘construcionalização produto’ e de ‘construcionalização processo’ (CEZARIO; ALONSO, 2019) e discutimos de que maneira eles se aplicam à análise da gramaticalização<sup>5</sup> de sinais soletrados e

5 O termo gramaticalização aqui apresentado tem compromisso apenas com a ênfase no processo de entrada de um

compostos da Libras. Entendemos, aqui, sinais soletrados como formas espelhadas na ortografia de palavras do português, caracterizadas como empréstimos linguísticos que se gramaticalizam na Libras, e sinais compostos como itens que, de modo equivalente às palavras compostas de línguas orais, emergem por demanda de expressão comunicativa a partir da combinação de ao menos duas bases lexicais. Em ambas as situações, a da emergência dos sinais soletrados e a dos sinais compostos, há mudança linguística por entrada de novos itens (construções lexicais) na gramática do falante de Libras, que pode ocorrer de modo mais abrupto ou de modo mais gradual.

Em suma, discutimos no presente trabalho, à luz da **construcionalização**, a entrada, a formação e a fixação de sinais soletrados e compostos na Libras, que, em processo gradual ou abrupto de mudança, tornam-se construções lexicais, novos pareamentos de forma-sentido da língua, com perda de composicionalidade. Optamos pela utilização do termo composicionalidade, apesar de nas discussões sobre erosão fonológica dos sinais soletrados não termos uma discussão sobre a perda das informações semânticas de itens. O conceito de composicionalidade é muito próximo do de analisabilidade, o qual talvez fosse melhor aplicado para o estudo dos sinais soletrados. Como o foco aqui é na formação de novos itens lexicais, novos pareamentos de forma-sentido, assumimos o termo composicionalidade, em sentido mais geral, para referenciar o processo de fusão de itens (fonemas ou morfemas) em função da formação de um único bloco de sentido. Trataremos, ainda, nesse trabalho, dos efeitos de frequência de uso no processo de entrincheiramento<sup>6</sup> desses sinais e que, em processo gradual de mudança linguística, levam tais itens a se gramaticalizarem, aparentemente, apenas com alterações de forma, mas não de sentido, o que espelha o conceito de **mudança construcional** proposto em Traugott e Trousdale (2013).

## 2. Fundamentação teórica

Neste trabalho, seguimos a corrente teórica da Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU), uma corrente que focaliza o papel de aspectos relativos à experiência de uso da língua para a representação cognitiva da gramática. Oriunda da união entre os pressupostos teóricos do Funcionalismo Norte-Americano (SANKOFF; BROWN, 1976; GIVÓN, 1984; HOPPER; THOMPSON, 1980), da Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995, 2006) e da Linguística Cognitiva (FILLMORE,

---

novo item na gramática e não com os aportes teóricos já conhecidos do modelo teórico da Gramaticalização (HEINE, 1992; HOPPER; TRAUGOTT, 1993; HOPPER, 1991). Ao longo do texto, porém, o termo ora poderá ser apresentado com referência ao processo, a despeito de visões teóricas, ora com foco em abordagens linguísticas específicas.

6 O termo entrincheiramento é usado como tradução para *entrenchment* (GOLDBERG, 2019) em diversas pesquisas na área da LFCU e se refere ao processo de fixação de uma construção na gramática internalizada, aqui entendida como *constructicon*.

1975; LAKOFF; JOHNSON, 1980; LANGACKER, 1991), a LFCU sustenta-se como uma corrente que considera tanto fatores extralinguísticos, situacional-comunicativos, quanto aqueles relacionados à cognição, atrelados à representação mental do sistema linguístico.

Especificamente, para desenvolvermos a presente discussão, trabalharemos com dois modelos teóricos caros à LFCU: a Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU) e o modelo de mudança linguística da Construcionalização/mudança construcional.

Para os adeptos da GCBU, no que tange à discussão sobre linguagem, o conhecimento linguístico provém do resultado do papel desempenhado por habilidades humanas mentais de domínio geral, tais como analogização, indução e categorização, em prol da compreensão e da organização cognitiva do universo biossocial, a partir da experiência real com o uso da língua. Nesse sentido, o modelo dialoga com a Teoria dos Exemplares (BYBEE; EDDINGTON, 2006; BYBEE, 2013) e suas assunções sobre os processos de representação cognitiva da gramática.

A GCBU, uma vertente direta do modelo da Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995), compartilha com esta o princípio de que a unidade mínima de conhecimento linguístico é a construção, um pareamento convencional de forma-sentido, e a visão de que a língua é representada cognitivamente como uma rede conceptual, na qual as construções encontram-se relacionadas entre si por motivação de semelhança de forma e/ou sentido. Embora relacionadas entre si, as construções são unidades independentes que podem carregar informações fonológicas, morfossintáticas, semânticas, pragmáticas e discursivas e podem ter um caráter mais lexical, como as palavras e as expressões idiomáticas, ou um caráter mais gramatical, como padrões sintáticos de estrutura argumental. A emergência, as modificações internas e o desaparecimento de construções, nesta visão, consistem na própria mudança linguística: a reconfiguração de um sistema em rede, entendido como uma virtualidade, em função de sua constante e inevitável alteração.

Assim, a GCBU, diferentemente de modelos formalistas da GC, por ser um modelo gramatical baseado no uso, enfatiza o papel da experiência com a língua e do impacto da frequência das formas em interação com o papel exercido pelos processos cognitivos de domínio geral (*e.g.* categorização, analogização e *chunking*) na formação, reforço e reformulação da gramática, vista aqui, como sistema adaptativo complexo, emergente, ou seja, em constante mudança.

Assim, a representação cognitiva do conhecimento linguístico é identificada na teoria pelo termo *constructicon* (fusão dos termos ingleses *construction* e *lexicon*). Tal como na visão tradicional de léxico, o *constructicon* é um inventário de elementos armazenados em nossa memória e que podem

ter natureza [+/- lexical] ~ [+/- gramatical] e todas as línguas do mundo, orais e sinalizadas, seriam a materialização desta rede conceptual de pareamentos forma-sentido, armazenados na mente de seus usuários.

O modelo apresentado pela GCBU atende às necessidades descritivas e explanatórias requeridas por uma teoria de gramática, potencialmente abarcando línguas orais e de sinais, como objeto de observação, tanto no que diz respeito a aspectos estruturais, quanto a de uso. Um bom ponto de discussão passa a ser, então, a forma como esse modelo abarcaria a questão da mudança linguística, a despeito da discussão sobre modalidades<sup>7</sup>.

Em *Constructionalization and Constructional Changes*, Traugott e Trousdale (2013) apresentam um modelo construcional baseado no uso sobre mudança linguística e que apresenta três premissas básicas: a) as contribuições mais tradicionais sobre gramaticalização e lexicalização oferecem material, embora não suficiente, para entendermos o fenômeno da mudança, b) a gramática é uma rede conceptual, tal como é todo o conhecimento humano e c) a construção gramatical, como proposto em Goldberg (1995; 2006), é a unidade básica de conhecimento linguístico.

Se tradicionalmente os estudos sobre lexicalização/gramaticalização focalizavam a formação, via mudança gradual, de itens lexicais/gramaticais, na abordagem da construcionalização, temos a explicação sobre como construções emergem na mente do usuário de uma língua, considerando detalhes de seus aspectos formais, de seus contextos de uso e de sentido, independentemente de entradas graduais ou abruptas. Tal mudança de perspectiva está diretamente relacionada à incorporação da visão de gramática como rede conceptual de construções.

Há dois conceitos importantíssimos desenvolvidos na obra de Traugott e Trousdale (2013) e que dizem respeito à natureza da mudança em função de seu impacto no sistema. O primeiro é o de mudança construcional e que aponta para situações de mudança que ocorrem apenas no âmbito da forma (no nível fonético-fonológico, morfológico ou sintático) ou apenas no âmbito do sentido (no nível semântico, pragmático ou discursivo), não implicando em refiguração do sistema, dado o não surgimento de um novo item. O segundo é o conceito de construcionalização, *per se*, que abarca situações de mudanças mais absolutas, quando ocorrem alterações no plano da forma e no da função de uma dada construção, o que implica, na verdade, no surgimento de um novo item na gramática e, por conseguinte, numa refiguração mais significativa da língua.

---

7 O conceito de modalidade aqui apontado diz respeito aos diferentes canais de produção e percepção de línguas de sinais e orais: gesto-visual e oral-auditivo, respectivamente.

Nesse estudo, os autores destacam as três dimensões que especificam a natureza de uma construção e que podem ser observadas também como parâmetros para a análise da construcionalização e mudanças construcionais, a saber:

a) composicionalidade: o maior ou menor caráter de independência de sentido da construção em função da leitura de seus componentes morfossintáticos e lexicais;

b) produtividade: a maior ou menor variabilidade de ocorrência de tipos (*types*) em uma dada construção, além da frequência de um determinado item específico (*token*); e

c) esquematicidade: a natureza abstrata da representação, a qual pode apresentar maior ou menor grau de generalização, o que implica, em termos de realização fonológica, na existência de construções especificadas (substantivas), construções parcialmente especificadas (subesquemas) e construções totalmente subespecificadas (esquemas).

Cezario e Alonso (2019) revisitam o modelo proposto por Traugott e Trousdale (2013) e apresentam uma reflexão importante para ampliar o entendimento do conceito de construcionalização. As autoras apontam como esta pode ser vista a partir de duas perspectivas: a de processo, o próprio curso de mudança gradual, a trajetória de formação de um novo nó na rede, e a de produto, o armazenamento de uma construção disponível no *input*, resultado natural do curso de aquisição de linguagem e que independe do percurso histórico de entrada do item na língua<sup>8</sup>.

Segundo as autoras,

a língua, como sistema, encontra-se em constante transformação, e suas formas sofrem modificações que gradualmente se espalham pelas comunidades estratificadas de fala [...]. Sob essa perspectiva, de que o sistema muda de forma gradual e não abrupta, a construcionalização parece, sim, ser um processo de mudança em que uma dada sequência sintagmática, ao longo do tempo, passa a ter autonomia tanto na forma quanto no sentido e se torna uma construção. [...] Por outro lado, a observação empírica dos fatos linguísticos implica necessariamente um falante que observa o mundo à sua volta e busca representá-lo por meio de signos verbais. Sob essa ótica, construcionalização é a criação de novo nó na rede, portanto produto criado a partir de diferentes processos cognitivos de domínio geral. Nesse sentido, ela não pode ser um processo gradual de mudança, uma vez que o falante interpreta um sentido novo de uma estrutura linguística já existente, por exemplo, de maneira abrupta. (CEZARIO; ALONSO, 2019, p. 134)

A partir dessa discussão, propomos uma análise sobre como a noção de construcionalização permite o estudo acerca da entrada, da fixação e da mudança de sinais soletrados e compostos na Libras, seja pela perspectiva diacrônica do processo, seja pela perspectiva sincrônica do produto,

<sup>8</sup> Tal percurso pode se tratar do resultado de entrada abrupta, por empréstimo, reanálises ou convencionalizações imediatas, ou do resultado de mudanças ocorridas diacronicamente e que geram uma nova construção no sistema.

resultante de mudança gradual ou abrupta. De antemão, é preciso, entretanto, definirmos o que chamamos de mudança abrupta e de mudança gradual.

O primeiro conceito, o de mudança abrupta, aponta para situações mais conscientemente motivadas, em que pela necessidade de criação de novas palavras/sinais, recorre-se a empréstimos linguísticos, pelo recurso datilológico por demanda de tradução *online*<sup>9</sup>, especificamente no contexto de uso de línguas de sinais. Ainda mais importante é, em situação mais natural, o fato de que construções são incorporadas à gramática de modo relativamente abrupto, a partir de condicionamentos relevantes à aquisição de L1 ou de L2. O conceito de mudança gradual, entretanto, relaciona-se com a situação, não conscientemente motivada, da mudança, que por ser processual e diacrônica, representa alteração lenta da língua, devido à atuação de processos intersubjetivos de reanálise e de renegociação de significados no curso da interação verbal, por demandas do uso (TRAUGOTT, 2010). Seja por qual olhar for, o da mudança abrupta ou o da gradual, as noções de mudança construcional e de construcionalização, pela perspectiva de produto e/ou de processo, parecem ser inevitáveis.

## 2.1 Aplicabilidade do modelo da construcionalização e mudanças construcionais na Libras

Os dois processos abordados neste estudo, a construcionalização e a mudança construcional, são mecanismos de mudança que, como tal, são aplicáveis ao sistema da Libras, uma língua em que se observa expansão contínua, particularmente no que tange à demanda de novas construções lexicais, por efeito de sua recente inserção em diferentes áreas do conhecimento. Como destaca Lucinda Ferreira (FERREIRA-BRITO, 1997), a necessidade de nomeação da grande área dos estudos da linguagem surgiu quando a comunidade se inteirou do que se faz em linguística, fazendo surgir abruptamente o item <linguística>, representado pelos elementos datilológicos 'LS'. A necessidade imediata de nomeação, motivada pela recente inserção da comunidade surda em várias áreas acadêmicas, ativa o mecanismo de construcionalização produto, cuja observação se dá nos vários glossários produzidos por grupos de estudo no país.

Retomando o ponto primeiro do artigo, podemos pensar em duas possibilidades de análise sobre como sinais soletrados e compostos entram e modificam o sistema da Libras. A primeira é a de formação desses sinais a partir de um processo gradual de mudança em que eles passam a significar referentes do mundo extralinguístico, como construções lexicais independentes. A segunda é a de observação da forma como tais itens passam a compor, de modo mais direto, por demandas específicas de expressividade e comunicação, via aquisição, a gramática dos usuários desta língua.

9 Usamos o termo *on-line* para nos referirmos ao processamento/tradução ocorridos em tempo real de produção.

Independentemente de tratar-se de um processo abrupto ou gradual, temos, em ambas as situações, a emergência de novos pareamentos lexicais de forma-sentido na gramática internalizada dos usuários desta língua. O armazenamento mais direto de construções na gramática, a despeito de seus processos de formação/mudança, é tratado aqui pela noção de construcionalização produto. O processo gradual, que implica em micropassos sucessivos de mudança na forma e/ou no sentido das construções é tratado aqui pela noção de construcionalização processo.

Exemplificando, na Libras, o empréstimo linguístico, com maior ou menor caráter datilológico, pode representar a noção de construcionalização produto aqui destacada. O mesmo ocorre com a entrada de sinais compostos, após sua convencionalização e incorporação à língua. A noção de produto focaliza o fenômeno da representação cognitiva da linguagem a partir da perspectiva da incorporação mais direta de novos itens à gramática, o que implica na sua reconfiguração, seja por um processo mais consciente ou inconsciente de aquisição. A representação cognitiva, na perspectiva da construcionalização produto, ocorrerá pela atuação dos processos cognitivos de domínio geral e desde que sejam satisfeitas as regras de convencionalização e frequência de uso necessárias para o entrincheiramento do item no nível da cognição.

De fato, o tratamento dos sinais soletrados e compostos ilustra bem o exposto neste ponto. Os sinais soletrados, por exemplo, representam o conceito de construcionalização produto, quando analisados como “incorporados abruptamente” ao vernáculo. Seus usos passam a ser recorrentes e, portanto, convencionalizados, dentro da comunidade linguística, apesar de serem originalmente formas datilológicas espelhadas na ortografia de uma palavra de outra língua. O mesmo ocorre com a entrada de sinais compostos, quando após convencionalizados, tornam-se itens disponíveis no *input*, podendo ser adquiridos pelos usuários da língua. Em ambos os casos, temos a emergência de novas construções lexicais, no sistema linguístico dos usuários, a despeito dos processos pelos quais passaram em sua formação.

Por outro lado, o tratamento sobre entrada, fixação e mudança dos sinais soletrados e compostos da Libras pode ilustrar também a noção de construcionalização processo aqui destacada. A noção de processo enfatiza os micropassos de mudanças ocorridos no âmbito da forma e/ou sentido e, por consequência, como eles se constituem como mais ou menos significativos de mudança da representação cognitiva. Quando ocorrem nos dois planos da construção, implicam no surgimento de um novo pareamento. Quando ocorrem em apenas um desses planos, são mudanças construcionais de um mesmo item. A noção de processo, seja por construcionalização pura ou por mudanças construcionais, fica explícita na formação de sinais soletrados e compostos, quando observarmos que

a representação cognitiva desses itens acontece em forma de *chunks*<sup>10</sup>, que estão sujeitos à gradual perda da composicionalidade, ou seja, da leitura dos itens que originalmente formam tais sinais: os elementos datilológicos, no primeiro caso, e os sinais de base, no segundo.

Um sinal composto é originário da justaposição/aglutinação de sinais base, disponíveis na língua, que por um processo metafórico e icônico relacionado ao pensamento analógico, são associados em função da criação de um novo item. Independentemente da forma como esse item entra na língua, se gradual ou abruptamente, à medida que novos usuários, principalmente crianças e aprendizes de L2, incorporam tais itens a sua gramática, eles não mais recuperam os sentidos originais dos sinais base, como ocorre na perda gradual de composicionalidade de itens (e.g. ‘pão-duro’; ‘fazer vista grossa’) e por erosão fonológica (e.g. vossa mercê > você; em boa hora > embora; água ardente > aguardente), em PB e em qualquer língua oral.

Tais mudanças exemplificam o processo gradual que aqui queremos destacar, pois enfatizam a perspectiva de processo, que pode levar inclusive à emergência de um novo item na língua, mas também enfatizam a perspectiva de produto, quando olhadas do ponto de vista da aquisição do item, um *chunk* (um bloco), com maior grau de opacidade composicional.

No que tange à entrada de sinais soletrados na Libras, observamos que esses, à medida que se tornam recorrentes, são também aos poucos incorporados ao sistema como pareamentos independentes e, pelos efeitos da frequência de uso (BYBEE, 2010), sofrem erosão fonológica, sem necessária perda de seu sentido original. Exemplificamos tal fato via etimologia do sinal <NUNCA><sup>11</sup>: originalmente, um sinal soletrado, aqui representado pela sequência <N-U-N-C-A>, mas que perde aos poucos sua soletração constituinte e passa a ser representado na forma de um único sinal, autônomo e sem aparente motivação de sua caracterização datilológica original. Esse fato retoma ao que Traugott e Trousdale (2013) classificam como mudança construcional: tais sinais sofrem alterações que ocorrem apenas no nível da forma da construção, não implicando na formação de um novo item na língua, já que não mudam também o sentido original do empréstimo.

Da mesma forma, momentos seguintes à entrada de sinais compostos na Libras podem ilustrar a mudança construcional, quando há alteração em algum aspecto dos parâmetros fonológicos envolvidos na formação de ao menos um dos sinais base, originais do composto. Casos de alteração do parâmetro MOVIMENTO parecem ser recorrentes, por exemplo, em sinais compostos como <ESCOLA>, em

10 A esse respeito, referimo-nos ao resultado do processo cognitivo de domínio geral, *chunking*, descrito em Bybee (2010) e que também compõe o conjunto de pressupostos teóricos da LFCU.

11 Tal representação é utilizada apenas para referência ao sentido do sinal discutido em questão.

que há a junção dos sinais [<CASA> + <ESTUD>] na base de sua formação. Conforme observa Takahira (2012), é comum a produção do item lexical <ESCOLA> com maior número de repetições do sinal base <ESTUDAR>: com o tempo, ele passa a ser produzido com dois toques das mãos e não apenas com um, como previsto. Novamente, parece ser este um caso de alteração apenas na forma do item, sem alteração do seu sentido original.

Em ambos os casos, o de <NUNCA> e o de <ESCOLA>, ficam evidenciadas as relações de mudança construcional e de construcionalização na interface produto/processo. Nas duas situações, é possível identificar o caminho representacional tomado por uma construção: como processo, haja vista as mudanças ocorridas no plano da forma ou no do sentido, ou como produto, haja vista a baixa recuperação da composicionalidade da datilologia ou do sentido das palavras base originais.

Em suma, o efeito das mudanças construcionais e perda de composicionalidade, observáveis no curso de formação de sinais soletrados e de compostos, não é um fator relevante para a aquisição da Libras, seja como L1 ou L2. Se na perspectiva de construcionalização processo, tais aspectos são importantes por refletirem diferentes fatos sobre a mudança linguística de natureza lexical, na perspectiva de construcionalização produto, tornam-se neutralizados, por não representarem fatores que explicam a entrada de novos pareamentos na gramática do indivíduo. Por outro lado, nas duas situações, teremos a atuação dos processos cognitivos de domínio geral, que, a partir do papel do indivíduo e do funcionamento da cognição, explicarão tanto os aspectos relacionados à mudança gradual, quanto à mudança abrupta, via incorporação de itens.

### **3. Metodologia**

Expostos os pressupostos teóricos para o recorte deste estudo, propomos metodologia para análise qualitativa de dois grupos de sinais em uso na Libras – os soletrados e os compostos –, a fim de demonstrarmos os fenômenos de construcionalização processo e construcionalização produto. Para tanto, definimos 2 grupos de sinais soletrados (Quadro 1) e 4 de sinais compostos (Quadro 2), que parecem ter emergido por relações analógicas, isto é, via espelhamento (a) na grafia de palavras em português, (b) em outros sinais da própria Libras ou, ainda, (c) na representação icônica de referentes extralinguísticos. Os dados foram levantados por elicitación, via contato com usuários surdos e ouvintes com boa proficiência em Libras e por consulta, para checagem de registro dos itens, em dicionários especializados da área.

De modo geral, os processos de construcionalização que formam, fixam e mudam o sistema

das línguas envolvem propriedades e mecanismos com atuação ligada ao uso. Como já discutido, três propriedades dimensionais são frequentemente abordadas na literatura sobre as características de dimensão de uma construção, e que espelham sua trajetória no processo de construcionalização: a composicionalidade, a produtividade e a esquematicidade. Para a análise dos sinais soletrados, discutiremos especificamente o parâmetro da composicionalidade e para a dos sinais compostos os três parâmetros serão considerados.

Às propriedades dimensionais da construção estão ligados alguns mecanismos relacionados ao processo de mudança de uma língua, dos quais, para a análise, alguns possuem destaque:

a) erosão, que se refere à redução de caráter fonológico dos itens;

b) neanálise, que consiste na modificação de forma ou sentido do item em decorrência de processos analógicos; e

c) entrincheiramento, que diz respeito à consolidação do novo item na representação gramatical de determinado falante/sinalizante.

Definidos os parâmetros acima, iniciamos a seguir a análise por uma breve descrição dos grupos de sinais que compõem os quadros, identificamos o tipo de emergência (abrupta ou processual) desses sinais na Libras, e discutimos as propriedades e os mecanismos refletidos na construcionalização produto/processo desses itens.

## 4. Análise e discussão de dados

### 4.1 A construcionalização produto e processo: o caso de sinais soletrados

Nesta seção, discutimos a construcionalização a partir de amostras de sinais soletrados em uso na Libras. Analisamos aspectos referentes à composicionalidade de exemplares desse grupo de sinais em vista da observação de fenômenos de redução formal, subsidiados pelos papéis da frequência de uso e de processos cognitivos atuantes tanto na formação quanto na fixação desses sinais. Nessa perspectiva, discutimos tais propriedades à luz da construcionalização como processo e como produto.

Conforme mencionado, os sinais soletrados constituem um conjunto de itens das línguas de sinais, que emergem por empréstimo linguístico, suprem necessidades comunicativas da população sinalizante e, por resultado do papel de frequência com que são utilizados, se convencionalizam para a expressão desses conceitos. Tratam-se, assim, de elementos que passam a integrar o *constructicon*

de usuários de línguas de sinais, via fatores relacionados à frequência de uso e ao recrutamento de processos cognitivos de domínio geral, conferindo inovação criativa ao sistema, relacionada à relativa abruptabilidade através da qual surgem na sinalização de integrantes das comunidades surdas.

Propomos, então, que sinais soletrados refletem o conceito de construcionalização produto, quando analisados como “incorporados abruptamente” ao vernáculo, seja por alguma necessidade imediata de comunicação, seja pela perspectiva de aquisição da linguagem. Por outro lado, refletem o conceito de construcionalização processo, quando vistos a partir de usos iniciais recorrentes e que os levam, portanto, a se tornarem convencionalizados dentro da comunidade linguística, apesar de serem originalmente formas datilológicas espelhadas na ortografia de uma palavra de uma língua oral. Ao longo desse processo de convencionalização, observamos alterações dos mecanismos envolvidos na construcionalização, apresentados na seção de metodologia, que balizam o tratamento dos dados.

Em uma análise embasada na centralidade de processos ocorridos no uso linguístico, como a construcionalização, os sinais soletrados destacam-se pelas mudanças observadas em suas características formais particulares, claramente alterações de propriedades análogas ao processo de construcionalização de itens de línguas orais. Dessa maneira, analisá-los do ponto de vista da construcionalização, assumindo sua formação/entrada abrupta na gramática e/ou seu processo de mudanças graduais, demonstra evidências favoráveis à hipótese de mudança proposta por Traugott e Trousdale (2013).

O Quadro 1 apresenta uma amostra de dois agrupamentos com exemplares de sinais soletrados cuja formação parece ser (i) mais prototípica, ou seja, quando todos os segmentos de natureza datilológica apresentam traço mais forte de conservação da soletração<sup>12</sup> (*e.g.* APP e PAI) e (ii) menos prototípica, quando a realização dos segmentos datilológicos não corresponde à integralidade dos elementos gráficos do português (*e.g.* CUNHADO e TIJUCA), ou, quando assumem contornos gráficos da forma escrita em uma produção simultânea espelhada no contorno das letras (*e.g.* WC).

---

12 Neste ponto surge uma possibilidade de discussão importante sobre a chance de representações datilológicas serem tratadas como informação fonética das línguas de sinais, pelo parâmetro configuração de mão. De fato, muitas representações datilológicas são também configurações manuais previstas das LSs, mas esse não é um assunto que possamos/objetivamos desenvolver no texto atual.

**Quadro 1:** Amostra de sinais soletrados

SINAIS SOLETRADOS <sup>13</sup>	
[+ PROTOTÍPICOS]	[- PROTOTÍPICOS]
AR	WC
UÉ	PAZ
OK	TUDO
VOU	CUNHADO
COCA-COLA	TIJUCA
CEDO	NADA
APP	MAL
DIA	
PAI	
SIM	

Fonte: elaborado pelos autores

Pelo viés da construcionalização, propomos uma análise que retoma o subprincípio funcionalista da quantidade<sup>14</sup>, segundo o qual se pode explicar a seleção de maior ou menor quantidade de informação para veicular significado, o que estaria relacionado ao maior/menor esforço cognitivo de processamento. Esse subprincípio tem estreita relação com o parâmetro da composicionalidade e com efeitos de frequência, fundamentais para observação dos sinais. Defendemos que sinais mais frequentes se tornam mais suscetíveis a fenômenos de erosão: simplificação fonética, perda de quantidade de forma, no caso, dos próprios elementos da soletração ou de suas partes constitutivas.

Dito de outro modo, quanto mais frequentes forem os itens em uma língua, mais cognitivamente salientes eles serão. Desse modo, o acesso (para produção e para compreensão) a tais itens exige menor complexidade em termos de forma para significar. Desfaz-se, portanto, necessidades iniciais de maior massa fônica para a codificação, assim como acontece em PB, com itens como, ‘refri’ (competidor para ‘refrigerante’), ‘cerva’ (competidor para ‘cerveja’) e ‘biju’ (competidor para ‘bijuteria’), sem mudança de significado<sup>15</sup>.

Consideramos que, a partir de necessidades discursivas dos usuários sinalizantes em dado contexto, emergem sinais com quantidade de informação fonológica (forma) interpretada como necessária para expressar sentidos desses itens lexicais. O sinal soletrado, com sua quantidade de segmentos (unidades mínimas) é armazenado no *constructicon* do sinalizante abruptamente. Tal

13 A produção dos sinais investigados pode ser vista em [https://www.youtube.com/watch?v=67odg\\_u1Pqg](https://www.youtube.com/watch?v=67odg_u1Pqg).

fato espelha a construcionalização produto, na medida em que a primeira experiência com o item é suficiente para seu armazenamento<sup>16</sup>.

Ocorre, no entanto, que desde seus usos iniciais na sinalização corrente, efeitos de frequência dão início a um processo contínuo de erosão rumo ao desbotamento em relação à forma (e/ou significado) desses sinais. Conforme o item ganha maior frequência de uso na comunidade, a quantidade de informação fonológica, observada na extensão do sinal, tende à diminuição por efeito de forte integração dos segmentos, tornando esse item um *chunk* nessa língua, com menor, ou mesmo nenhuma, recuperabilidade das informações segmentais, de natureza datilológica. Trata-se o fenômeno, nesse sentido, de uma certa perda de composicionalidade, já que há perda de massa formal, os elementos datilológicos. Tal fato espelha a construcionalização processo, na medida em que mostra como um item gradualmente sofre mudança construcional, no nível da forma, passando a ser armazenado com nova caracterização nesta gramática. Vale salientar, entretanto, que não está no escopo desse artigo a investigação sobre a possibilidade de mudança de aspectos relacionados ao sentido dos sinais soletrados, em termos distribucionais ou discursivo-pragmáticos, por exemplo. O termo construcionalização processo é recorrido aqui para se referir à mudança processual, muito provavelmente associada à emergência de um novo pareamento, mas não necessariamente. Assim o fazemos por entendermos também que seja por qual for a perspectiva, teremos um item que gradualmente se gramaticaliza nesta língua, apresentando alteração de forma.

Nesta sincronia da Libras, por exemplo, pode-se observar a coocorrência das formas competidoras <C> (o segmento datilológico ganha um movimento) e <C-O-C-A> para nomear o refrigerante *Coca-Cola*. Os dois sinais coocorrentes parecem demonstrar o processo de mudança que leva à perda da composicionalidade e formação de *chunk*, observável pela menor quantidade de informação de forma, em relação à inicialmente verificada em <C-O-C-A-C-O-L-A>. Ampliamos aqui a noção de composicionalidade, ao abarcarmos a ideia de perda dos elementos da leitura datilológica, que no conjunto original se apresenta de maneira mais explícita para a leitura do todo, o que se perde ao longo do tempo levando à formação de um único bloco de informação cuja leitura é ainda menos dependente da leitura de suas partes. Em ambas situações não são observadas mudança de significado do item, ao menos em nível semântico, mas talvez no nível pragmático-discursivo.

Casos assim permitem-nos discutir o conceito de construcionalização processo com mais consistência, uma vez que espelham recorrência de transformação na forma, oriunda da frequência de uso, ilustram alterações nas propriedades de composicionalidade dos sinais soletrados e implicam na entrada de um novo item na gramática da Libras, não mais um “empréstimo” lexical de função comunicativa momentânea. Também permitem discutir o conceito de construcionalização produto, pois tais itens tornam-se consolidados na gramática, por entrincheiramento, com características de

16 A frequência também é um fator considerado por Bybee (2010; 2013) para entendermos que uma única experiência saliente com a língua pode ser suficiente para o armazenamento cognitivo das formas.

forma que não espelham, ou espelham menos, sua forma original. Cada grupo de sinais soletrados - [+/- PROTOTÍPICOS] - aqui levantados evidencia essas diferentes possibilidades de representação.

Assim como se observam reduções em combinações de alta frequência em inglês, como em ‘gonna > going to’, ou em PB, como em ‘né > não é’, parece que sinais soletrados da Libras podem ser contemplados à luz do mesmo fenômeno e que podem, ou não, representar a emergência de uma nova construção. Como se discute em Bybee (2010), essa tendência pode ser apontada como produto do processo cognitivo de *chunking*, na medida em que a repetição seriada de sequências de unidades (aqui, os segmentos datilológicos), geraria natural sobreposição e/ou redução articulatória, que resultam em mudança na forma, fixação de um determinado sentido e efetivação do processo de construcionalização.

Mesmo na formação de construções lexicais que entram de forma abrupta na língua, como os sinais soletrados, a frequência de uso atua, em associação aos mecanismos cognitivos provocadores de mudança, de modo a fixá-los no *constructicon* como uma construção, com especificidades formais que os distinguem de meras soletrações. Assim, se por um lado sinais soletrados são formados de forma abrupta, por outro, são processos graduais de modificações no uso (e.g. alterações rítmicas, perda de composicionalidade etc.) os responsáveis pela fixação de itens de diferentes características de forma.

Isso posto, analisemos os sinais do Quadro 1, os quais oferecem pistas para a discussão sobre construcionalização processo a partir de algumas mudanças morfofonológicas que originam a composição de [+PROTOTÍPICOS] e [-PROTOTÍPICOS]. Mais especificamente, demonstramos que ambos os grupos parecem reunir alterações atreladas à velocidade articulatória, fator que propicia obscurecimento de fronteiras segmentais, ou seja, que acarreta erosões, que afetam a composicionalidade desses sinais.

Nos sinais soletrados [+PROTOTÍPICOS] presentes na primeira coluna do Quadro 1, podem ser notadas alterações na forma que impactam diretamente a composicionalidade datilológica<sup>17</sup> destes itens. Na medida em que passam a ser utilizados recorrentemente e acessados como uma unidade mais entrincheirada na língua, há forte tendência à perda de composicionalidade e, por conseguinte, o item soletrado, inicialmente emergente via construcionalização produto, ganha contornos mais efetivos na cognição, correspondendo, cada vez mais, a um *chunk* independente da leitura composicional.

Exemplificando, os sinais <O-K> e <S-I-M>, originalmente, eram produzidos por datilografia mais analisável (O-K e S-I-M) e nesses sinais são percebidas modificações formais mais significantes

17 Novamente, salientamos que propomos uma ampliação da noção de composicionalidade baseada em itens semanticamente definidos, incluindo partes menores, não necessariamente providas de significado, mas com função mais explícita para a leitura original da palavra. Nesse sentido, a rotinização no uso leva à leitura automatizada dos signos e à interpretação de sentido mais independente da leitura de suas partes morfofonológicas originais.

e simplificadoras: no primeiro, há certo grau de erosão e forte fusão dos elementos datilológicos que culmina na materialização de <S-K> em velocidade de articulação espontânea; no segundo, há erosão mais significativa da estrutura interna, passando o sinal a ser realizado por uma abertura de mão direcionada para baixo.

No caso dos [+PROTOTÍPICOS] (e.g. CEDO e COCA-COLA), a intensificação do movimento parece aludir a uma etapa inicial de mudança de forma, caracterizada por certa recuperação dos elementos segmentais conjugada ao surgimento da forma inovadora. Independentemente de terem surgido em competição com um sinal não soletrado, como é o caso de <C-E-D-O>, ou simplesmente para expressar determinado conceito, como é o caso de <C-O-C-A-C-O-L-A>, ambas as formas soletradas sugerem inovações construcionais decorrentes da perda de massa fônica, isto é, dos próprios segmentos datilológicos.

Nos sinais [- PROTOTÍPICOS] selecionados, parece haver um grau maior de perda articulatória e que aponta para certo caráter de fusão, por redução, dos segmentos. Ainda que seja difícil precisar aspectos diacrônicos da Libras devido à escassez de registros gravados anotados, é possível identificar percursos previsíveis de algumas formas que sofreram erosões fonológicas mais intensas. Nestes casos, após a incorporação abrupta das formas soletradas no *constructicon*, também ocorrem modificações na composicionalidade de tais sinais soletrados.

Ainda, parece haver uma relação inversamente proporcional entre a perda da composicionalidade dos segmentos e o parâmetro fonológico do movimento, que passa a exercer caráter suprasegmental de maior saliência, o que ocorre graças às pressões advindas da frequência de uso. Um exemplo pode ser visto na análise do sinal soletrado <TUDO>, que demonstra uma gradação de perda de composicionalidade desde a soletração inicial <T-U-D-O> e aumento paulatino da saliência do papel do movimento na formação do sinal.

O esquema a seguir demonstra esse processo.

Esquema 1: Gradação da perda de composicionalidade

T-U-DO > T-D-O > T-O<sup>18</sup> > [PERDA DE COMPOSICIONALIDADE (segmental)]  
PREVALÊNCIA DO MOVIMENTO DIRECIONADO PARA FRENTE  
INTENSIFICAÇÃO DA VELOCIDADE POR FREQUÊNCIA DE USO

Fonte: elaborado pelos autores

A erosão também ocorre em sinais com menor quantidade de informação fonológica, consequência da forte integração dos segmentos durante a articulação. A amostra analisada indica uma possível generalização a respeito da extensão dos sinais originalmente soletrados, formados

18 A configuração de mão final assemelha-se às configurações referentes ora à letra <O>, ora a letra <S>.

por um número baixo de segmentos. Sinais de menor extensão (*e.g.* AR, VOU, DIA, UÉ), dada sua produção com forte integração segmental, tenderiam a resistir menos aos efeitos de redução do número de segmentos do que os sinais mais extensos.

Aparentemente, a articulação destes sinais se dá a partir de uma alteração que apresenta ainda maior grau de fusão de articuladores, determinada pela frequência de uso e que faz com que tais itens sejam produzidos em um único feixe de movimento acelerado. Essa mudança parece refletir uma tendência natural de alterações mais frequentes de línguas naturais, caracterizadas por erosões fonológicas (HOPPER, 1994; BYBEE, 1988), que em geral repercutem perdas na morfologia, mas não apenas.

Dessa maneira, os sinais soletrados aqui analisados, empréstimos linguísticos com maior ou menor caráter datilológico, podem representar a construcionalização como produto e como processo. A noção de produto focaliza o fenômeno da representação cognitiva da linguagem a partir da perspectiva da entrada mais direta de novos itens na gramática, o que implica em seu enriquecimento, seja por um processo mais consciente (motivado por novas demandas) ou inconsciente (por aquisição do produto depois de fixado na língua). A representação cognitiva, na perspectiva da construcionalização produto, ocorre pela atuação dos processos cognitivos de domínio geral e desde que sejam satisfeitas as regras de convencionalização e frequência de uso necessárias para o entrincheiramento do item no nível da cognição.

Em suma, no que tange à entrada de sinais soletrados na Libras, defendemos que esses, à medida que se tornam recorrentes, são também aos poucos incorporados ao sistema como pareamentos que, pelos efeitos da frequência, sofrem erosão fonológica, sem necessária perda de seu sentido original. Isso espelha o que aqui chamamos construcionalização processo, por mudanças construcionais, por não necessariamente apresentarem mudança no nível do sentido. Assim, originalmente, um sinal soletrado é incorporado abruptamente à língua via construcionalização produto, mas perde, em geral, aos poucos sua soletração constituinte e passa a ser representado na forma de um único sinal, autônomo e sem aparente motivação de sua caracterização datilológica original.

Esse fato retoma ao que Traugott e Trousdale (2013) classificam como mudança construcional: tais sinais sofrem alterações que ocorrem apenas no nível da forma da construção, não implicando na formação de um novo item na língua, já que não mudam também o sentido original do empréstimo. Embora não tenha sido objeto de discussão aqui, a essa mudança no nível da forma é possível estar associado algum tipo de mudança no nível do sentido, já que se trata de um novo contexto linguístico, com regularidades e tendências próprias, muitas vezes diferentes da língua de empréstimo do item. Optamos por incorporar a noção de mudança construcional ao conceito de construcionalização processo, por entendermos que são itens que se convencionalizam na língua gradualmente como itens cada vez mais entrincheirados/consolidados, com menor grau de composicionalidade e alteração

evidente de forma.

## 4.2 A construcionalização produto e processo: o caso de sinais compostos

Seguindo uma visão mais tradicional sobre formação vocabular, um sinal composto é originário da justaposição/aglutinação de sinais base disponíveis na língua, que por um processo metafórico e icônico, relacionado ao pensamento analógico, são associados em função da criação de um novo item. Independentemente da forma como esse item entra na língua, se gradual ou abruptamente, à medida que novos usuários, principalmente crianças e aprendizes de L2<sup>19</sup>, incorporam tais itens a sua gramática, eles não mais recuperam os sentidos originais dos sinais base, como ocorre na perda gradual de composicionalidade de itens de qualquer língua oral (e.g. cabeça baixo > cabisbaixo; vinho acre > vinagre).

Seguindo a perspectiva da construcionalização, tais mudanças exemplificam o processo gradual que aqui queremos destacar, pois enfatizam a perspectiva de processo, que pode levar inclusive à emergência de um novo pareamento forma-sentido na língua, mas também enfatizam a perspectiva de produto, quando olhadas do ponto de vista da aquisição do item, um *chunk*, com maior grau de opacidade composicional. Há ainda de se pensar que pela atuação dos processos cognitivos de analogia e categorização, é possível a associação de itens e consequente formação de *clusters* (nuvens de exemplares)<sup>20</sup>, que representarão novos padrões, com certo grau de esquematicidade e produtividade, nessa língua.

O Quadro 2 apresenta quatro agrupamentos de exemplares que parecem ter emergido inicialmente por justaposição, mas que se tornam, na verdade, construções lexicais, por formarem um padrão mais esquemático, mais abstrato e com sentido próprio. Os exemplares apresentados instanciam, assim propomos, os quatro esquemas semipreenchidos com uma base nominal fixa (CASA, CARTÃO, ENCADERNAÇÃO, MÉDICO) e um *slot* a ser preenchido por um elemento de categoria nominal ou verbal.

Tais padrões são instanciados com certa frequência em dados da Libras: é possível identificar a emergência de diferentes itens em seus *slots*, o que reforça a hipótese de sua construcionalização e aponta para características de composicionalidade, produtividade e esquematicidade, próprias de cada padrão. Ainda, há de se pensar na possibilidade de que certos itens possam, por fatores relacionados à frequência de uso e por serem interpretados como um único bloco de forma-sentido, estarem, aos

19 Reconhecemos que o ensino formal (escolar) da língua muitas vezes descreve e sistematiza o processo de formação dos itens, o que permite recuperação de formas e sentidos de algum ponto na diacronia.

20 Apoiamo-nos aqui na Teoria dos Exemplares (BYBEE; EDDINGTON, 2006; BYBEE 2013), um modelo que dialoga com os princípios da GCBU, que enfatiza a possibilidade de armazenamento de cada item experienciado no uso da língua, mas que também enfatiza a possibilidade de que um conjunto de itens de natureza de forma e/ou sentido aproximada possa ser abstraído, dando origem assim a representações, generalizações, redundantes.

poucos, tornando-se mais emancipados deste mesmo padrão, uma possibilidade fortemente alinhada aos pressupostos do modelo da GCBU em diálogo com a Teoria de Exemplares, como verificamos na sequência.

**Quadro 2:** Amostra de sinais compostos

SINAIS COMPOSTOS <sup>21</sup>
PADRÃO 1: [CASA N <sup>22</sup> ] <sub>INSTITUIÇÃO/ESTABELECIMENTO</sub> <sup>23</sup>
[CASA + ESTUDO] - ‘escola’
[CASA + CRUZ] - ‘igreja’
[CASA + ANTIGO] - ‘museu’
[CASA + PAPEL] - ‘papeleria’
PADRÃO 2: [CARTÃO N] <sub>FUNÇÃO</sub>
[CARTÃO + RESTAURANTE] - ‘vale-refeição’
[CARTÃO + MERCADO] - ‘vale-alimentação’
[CARTÃO + SAÚDE] - ‘plano de saúde’
[CARTÃO + MASTER] - ‘cartão de crédito’
PADRÃO 3: [ENCADERNAÇÃO N] <sub>INSTRUMENTO DE REGISTRO ESCRITO</sub>
[ENCADERNAÇÃO + ESCRITA] - ‘caderno’
[ENCADERNAÇÃO + PÁGINA] - ‘livro’
[ENCADERNAÇÃO + TÓPICO/LISTA] - ‘agenda’
[ENCADERNAÇÃO + CARIMBO] - ‘CTPS’
PADRÃO 4: [MÉDICO N] <sub>ESPECIALIDADE PROFISSIONAL</sub>
[MÉDICO + OLHO] - ‘oftalmologista’
[MÉDICO + PELE] - ‘dermatologista’
[MÉDICO + CORAÇÃO] - ‘cardiologista’

Fonte: elaborado pelos autores

A repetição de itens em determinados ambientes linguísticos pode motivar a padronização de uso, num processo típico de construcionalização, de padrões (semi)preenchidos. Essa assunção se verifica nos exemplares do Quadro 2. A amostra revela a emergência de quatro subesquemas, com possibilidades de preenchimento do *slot* em segunda posição com diferentes itens, o que contribui

21 A produção dos sinais investigados pode ser vista em <https://www.youtube.com/watch?v=HCEnt2OQkgY>.

22 Nominal (substantivos e adjetivos)

23 A notação para a representação do padrão dos compostos prevê a face da forma e a do significado, como proposta pelo modelo da GCBU.

para a ampliação lexical na Libras. Assim é possível pensarmos nos parâmetros dimensionais desses padrões e discutir como eles podem ser entendidos à luz da discussão sobre construcionalização produto e construcionalização processo.

Dessa forma, são identificados itens que parecem instanciar padrões mais abstratos formadores de novos itens lexicais da seguinte natureza:

- a) itens lexicais referentes a instituições e estabelecimentos;
- b) itens lexicais referentes a cartões e suas funções;
- c) itens lexicais referentes a encadernações e suas funções sociais de escrita; e
- d) itens lexicais referentes a especialidades profissionais médicas.

A entrada de itens dessa natureza na Libras teve como produto inicial formas compostas e aconteceu em dado momento devido às demandas comunicativas específicas de seus sinalizantes. Entretanto, com a consolidação de sua convencionalização e conseqüente aumento da frequência de uso, tais itens, entre outros, vão aos poucos contribuindo para a formação dos padrões mais abstratos [CASA N]<sub>INSTITUIÇÃO/ESTABELECIMENTO</sub>, [CARTÃO N]<sub>FUNÇÃO</sub>, [ENCADERNAÇÃO N]<sub>INSTRUMENTO DE REGISTRO ESCRITO</sub> e [MÉDICO N]<sub>ESPECIALIDADE PROFISSIONAL</sub>. Ao mesmo tempo, os exemplares tornam-se blocos de significados mais independentes desses padrões, graças à frequência de uso e com cada vez menor possibilidade de identificação semântica de suas partes originais, inclusive pela perda da analisabilidade/composicionalidade envolvida no processo.

Nesses casos, o *constructicon* da Libras se amplia com o surgimento de novos nós na rede. Tem-se um processo em que dois itens, que se caracterizam por construções lexicais independentes na Libras, passam a ser acessados como uma única unidade, uma nova construção. Tomando como foco a construcionalização processo para a interpretação desses sinais, pode-se discutir a maneira como cada item e, posteriormente, cada esquema semipreenchido, se convencionalizam na língua e passam a ser interpretados como *chunks* com diferentes características quanto sua produtividade, composicionalidade e esquematicidade.

A esse respeito, podemos afirmar, os quatro padrões apresentam em comum as propriedades de serem semiesquemáticos, de apresentarem em seus *slots* ocorrência de variabilidade de *types* semanticamente afins<sup>24</sup> e menor grau de composicionalidade, fato relacionado à leitura, em bloco,

24 Esses itens tornam-se afins no contexto da construção em que estão inseridos, por força da semântica da construção em que emergem.

de cada um de seus sentidos. Entretanto, vale ressaltar, ainda na perspectiva da construcionalização processo, cada item, individualmente, como exemplar de um mesmo *cluster*, pode sofrer efeitos de erosão e reanálises em seu próprio curso de entrenchamento nesta língua, como um bloco, um item lexical, de sentido independente.

Nesse processo, é possível observar mudanças construcionais, por exemplo, caracterizadas por variação na forma de algumas bases do sinal composto, tais como a perda ou o aumento do número de toques produzidos durante sua articulação (e.g. [CASA + ESTUDO] e [ENCADERNAÇÃO + TÓPICO/LISTA]), mas que não alteram significado, como já antecipado em nossa discussão teórica (TAKAHIRA, 2012). Observam-se, também, usos com o apagamento total da base (e.g. [Ø + MASTER], [Ø + ESCRITA], [Ø + PÁGINA]), o que pode ser um indício do maior grau de emancipação do item na cognição, fato também relacionado ao papel de sua frequência de uso<sup>25</sup>.

Do ponto de vista da construcionalização produto, a entrada/emergência desses itens na gramática do indivíduo usuário da Libras não refletirá, como já discutido, tais mudanças processuais. Após a convencionalização, mais ou menos consciente, inicial desses sinais, a emergência desses itens, dos itens individuais ou a dos padrões mais abstratos, sempre ocorrerá de modo abrupto, no curso da aquisição de linguagem, significando reconfiguração do *constructicon* do sinalizante.

Os sinais compostos nos fornecem considerações cruciais à formação de novos padrões semipreenchidos em Libras. A partir de sinais pré-existentes e recorrentes para a expressão de novos conceitos, via construcionalização, formam-se compostos, os quais pela equiparação de aspectos semânticos e formais dos itens contribuem para a formação de padrões semiesquemáticos mais abstratos. A leitura dos exemplares do Quadro 2, assim, não seria composicional, sincronicamente falando, mas holística. Talvez em termos escalares, haja um *continuum* entre o que não seria plenamente composicional, mas reteria algum grau de composicionalidade, e o que não refletiria mesmo tal característica, fato relacionado ao grau de fusão e perdas envolvidos no curso de formação do item. Essa característica permite uma interpretação do ponto de vista da construcionalização processo, por meio da qual podemos verificar os condicionadores que proporcionaram a criação de novos nós na rede a partir de outras construções já disponíveis na língua e as relações de forma e significado resguardadas entre construções lexicais.

Da mesma maneira que construções [N-mente] foram construcionalizadas ao longo da história

---

25 Novamente, identificamos o papel exercido pelos processos cognitivos de domínio geral, em particular, aqui, o de *chunking* e memória rica, que explicam a agregação dessas unidades como itens menos composicionais, além da possibilidade de armazenamento de mais dados independentes na gramática.

do PB, após usos frequentes e padronizados de duas bases com livre curso e semânticas delimitadas e gerando um padrão mais geral de especificação qualitativa, os padrões [CASA N]<sub>INSTITUIÇÃO/ESTABELECIMENTO</sub>, [CARTÃO N]<sub>FUNÇÃO</sub>, [ENCADERNAÇÃO N]<sub>INSTRUMENTO DE REGISTRO ESCRITO</sub> e [MÉDICO N]<sub>ESPECIALIDADE PROFISSIONAL</sub> analisáveis em Libras parecem seguir o mesmo processo. Teríamos, assim, construcionalizações de microesquemas, que levam ainda à discussão para a possível categorização de um padrão ainda mais geral, fonologicamente subespecificado, [SN<sub>SEMÂNTICA HIPERÔNIMICA</sub> + SN<sub>ESPECIFICADOR SEMÂNTICO</sub>], que estaria em nível mais alto na rede representacional, de características próprias de esquematicidade, produtividade e composicionalidade, formador de nomes em Libras.

Percebemos que os sinais compostos parecem demonstrar processos de construcionalização em Libras por envolverem, como nos casos elencados, instanciações de novos padrões linguísticos produtivos, criados para a categorização e conceptualização de entidades integrantes das experiências dos sinalizantes. Assim, para cada item e padrão semipreenchido elencado no Quadro 2, verificam-se modificações de esquematicidade, produtividade e composicionalidade que servem de evidências para a presente discussão.

## 5. Considerações finais

A depender do momento sócio-histórico em que um usuário da Libras entra em contato com a língua, será mais ou menos possível reconhecer na composição dos sinais as partes mínimas que remontam sua origem abrupta. Para aqueles que experienciaram o processo de mudança ou são mais escolarizados, é possível reconhecer segmentos morfofonêmicos perdidos ou reunidos no processo de construcionalização dos sinais. Por outro lado, para aqueles sinalizantes que iniciam contato com a Libras e aprendem os sinais como um produto já modificado e em pleno uso, sem instrução explícita, é pouco provável que recuperem formas e significados de composição original.

As amostras analisadas evidenciam como são temporárias as representações que emergem em uma comunidade linguística e como padrões construcionais se constituem, se estabelecem e se modificam. A observação da trajetória (processo) e da configuração atual dos sinais (produto) pretendeu oferecer uma descrição robusta do objeto selecionado para este estudo.

Assim, a análise tanto de sinais soletrados quanto de sinais compostos, se ancorada na concepção construcional baseada no uso, pode refletir tendências diacrônicas e criativas das línguas de sinais, assim como contribuir à explanação do modelo da construcionalização conforme definido por Traugott e Trousdale (2013) e expandido em Cezario e Alonso (2019), aproximando línguas

pouco descritas às discussões sobre mudanças linguísticas em perspectiva cognitivo-funcional. Nesse sentido, inspirada no renomado trabalho de Ferreira (1995), a presente discussão visou ao avanço dos estudos linguísticos sobre a descrição da Libras e sobre os processos de mudanças gramaticais e sua representação mental, todos decorrentes da ação de processos cognitivos de domínio geral, atrelados à frequência de uso, e que, provavelmente, são translinguísticos, ocorrendo em outras línguas de sinais.

## REFERÊNCIAS

BYBEE, Joan. Semantic substance vs. contrast in the development of grammatical meaning. *Berkeley Linguistic Society*, v.14, p. 247-264. 1988.

\_\_\_\_\_. Usage-based grammar and second language acquisition. In: ROBINSON, P. and ELLIS, N. (eds.), *Handbook of Cognitive Linguistics and Second Language Acquisition*. New York: Routledge. p. 216-236. 2008.

\_\_\_\_\_. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

\_\_\_\_\_. Exemplar theory and the mental representation of constructions. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: University Press, 2013.

\_\_\_\_\_; EDDINGTON, David. A usage-based approach to Spanish verbs of ‘becoming’. *Language*, v. 82, n.2, 2006, p. 323-355.

CEZARIO, Maria Maura; ALONSO, Karen Sampaio Braga. A contribuição do modelo da construcionalização e mudanças construcionais: reflexões em Português. *Revista Solettras*, n. 36, 2019.

FERREIRA, Lucinda. *Por uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 2010.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. Língua brasileira de sinais - Libras. In: FERREIRA-BRITO, L. et al. (Org.). *Programa de capacitação de recursos humanos do ensino fundamental*, v.3: Língua Brasileira de Sinais. Brasília: MEC/SEESP, 1997. (Série Atualidades Pedagógicas).

GIVÓN, Talmy. Isomorphism in the grammatical code: cognitive and biological considerations. In: *Studies in language*, v. 15 (1), p. 85–114. Philadelphia, Benjamins, 1991.

GOLDBERG, Adelle. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

\_\_\_\_\_. *Constructions at Work: The nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HEINE, Bernd. Grammaticalization chains. *Studies in Language*. v.16, p. 335–368, 1992.

HILPERT, Martin. *Construction Grammar and its application to English*. Edinburgh: University Press, 2014.

HOPPER, Paul. Phonogenesis. In: PAGLIUCA, W. (ed.) *Perspectives on grammaticalization*, 29-45. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins [Current Issues in Linguistic Theory 109], 1994.

\_\_\_\_\_; THOMPSON, Sandra. Language universals, discourse pragmatics, and semantics. *Language Sciences*, v.15, p. 357-376. 1993.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

PEREK, Florent. *Argument structure in Usage-Based Construction Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2015.

PINHEIRO, Diogo. Um modelo gramatical para a linguística funcional-cognitiva: da Gramática de Construções para a Gramática de Construções Baseada no Uso. In: ALVARO, P. T.; FERRARI, L. (Orgs.). *Linguística Cognitiva: dos bastidores da cognição à linguagem*. Campos: Brasil Multicultural, 2016. p. 20-46.

TAKAHIRA, Aline Garcia Rodero. Questões sobre compostos e morfologia da LIBRAS. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 1, n. 41, p. 262-276, jan.-abr. 2012.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. (Inter)subjectivity and (inter)subjectification: a reassessment. In: DAVIDSE *et al.* (org.), *Subjectification, intersubjectification and grammaticalisation*. Berlin / New York: Mouton de Gruyter, p. 29-74, 2010.

\_\_\_\_\_.; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.